

APRENDIZADOS COM GRUPOS DE FAVELAS: O USO DE FERRAMENTAS VIRTUAIS EM UMA PESQUISA PARTICIPATIVA

LEARNING FROM GROUPS OF FAVELAS: THE USE OF VIRTUAL TOOLS IN PARTICIPATORY RESEARCH

APRENDIZAJES CON GRUPOS DE FAVELAS: EL USO DE HERRAMIENTAS VIRTUALES EN INVESTIGACIÓN PARTICIPATIVA

Fabiana Melo Sousa

■ Bolsista de Pesquisa do LTM/CESTEH/ENSP/Fiocruz; SOUSA, Fabiana Melo. "Você não tá vendo não?" - o dispositivo audiovisual e as invisibilidades do PAC Manguinhos. In: Pivetta, F. (et al, Org.) Leituras sobre políticas públicas: o PAC Favelas como mirante de observação, Rio de Janeiro: ENSP, 2018.

■ E-mail: fabianamelosousa@gmail.com

Marize Bastos da Cunha

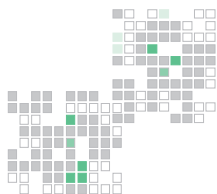
■ Pesquisadora do DENSP/ENSP/Fiocruz, docente PPG Saúde Pública ENSP; CUNHA, M. B. et al. Vigilância Popular em Saúde: contribuições para repensar a participação no SUS. In: BOTELHO, B. O. et al (Org.). Educação Popular no Sistema Único de Saúde, São Paulo: Hucitec Editora Ltda., 2018, p. 79-101.

■ E-mail: marizebastosdacunha@ensp.fiocruz.br

Fatima Pivetta

■ Pesquisadora do CESTEHE/ENSP/Fiocruz; PIVETTA ET AL. Comunidade Ampliada de Pesquisa-Ação do Laboratório Territorial de Manguinhos: um caminho de interação com o território. In: Oddone, I (et al, Org.). Ambiente de trabalho: a luta dos trabalhadores pela saúde, 2ª ed., São Paulo: Hucitec, 2020.

■ E-mail: pivettaf@ensp.fiocruz.br



RESUMO

O artigo é uma contribuição às reflexões sobre o uso das ferramentas virtuais em pesquisas, a partir das experiências do Laboratório Territorial de Manguinhos com Comunidades Ampliadas de Pesquisa Ação em favelas do Rio de Janeiro. Tem como referência metodológica para interação com o território a realização de ciclos da comunicação “produção-circulação-apropriação” de conhecimentos, dando visibilidade às experiências e aos saberes dos agentes sociais do lugar. Em diálogo com o campo da comunicação popular discutimos os aprendizados com os usos das redes sociais de favelas em pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: PRODUÇÃO COMPARTILHADA DE CONHECIMENTOS, COMUNIDADE AMPLIADA DE PESQUISA AÇÃO, COMUNICAÇÃO POPULAR, REDES SOCIAIS.

ABSTRACT

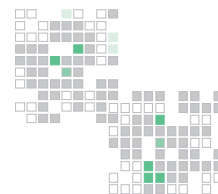
The article is a contribution to reflections on the use of virtual tools in research, based on the experiences of the Territorial Laboratory in Manguinhos with Extended Communities for Action-Research in Rio de Janeiro's favelas. Its methodological reference for interaction with the territory is the realization of communication cycles "production-circulation-appropriation" of knowledge, giving visibility to the experiences and knowledge of the social agents of the place. Taking into consideration the field of popular communication, we discussed the learning from the uses of social networks in the favela's research.

KEYWORDS: EXTENDED COMMUNITIES FOR ACTION-RESEARCH, POPULAR EDUCATION, POPULAR COMMUNICATION, SOCIAL NETWORKS.

RESUMEN

El artículo es un aporte a la reflexión sobre el uso de herramientas virtuales en investigación, a partir de las experiencias del Laboratorio Territorial Manguinhos con Comunidades Ampliadas de Investigación-Acción en favelas de Río de Janeiro. El marco metodológico de referencia para la interacción con el territorio es la realización de ciclos de comunicación "producción-circulación-apropiación" del conocimiento, dando visibilidad a las experiencias y a la sabiduría de los agentes sociales del lugar. En diálogo con el campo de la comunicación popular, discutimos el aprendizaje con los usos de redes sociales de favelas en investigación.

PALABRAS CLAVE: COMUNIDAD AMPLIADA DE INVESTIGACIÓN-ACCIÓN, EDUCACIÓN POPULAR, COMUNICACIÓN POPULAR, REDES SOCIALES.



1. Introdução

As reflexões que trazemos aqui resultam das pesquisas desenvolvidas, desde 2003, no âmbito do Laboratório Territorial de Mangueiros (LTM), tendo como foco a experiência de apropriações de ferramentas virtuais em uma avaliação participativa do Programa de Aceleração de Crescimento - PAC Favelas, em três favelas da cidade de Rio de Janeiro: Complexo do Alemão e de Mangueiros (Zona Norte) e da Rocinha (Zona Sul) (PORTO et al 2015).

O LTM é um espaço institucional de pesquisa e intervenção da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) voltado para a produção compartilhada de conhecimento com os territórios de favelas. A metodologia usada pelo LTM para atuar nos territórios de favelas são as Comunidades Ampliadas de Pesquisa-ação (CAP), agregando diversos atores: profissionais de várias áreas do conhecimento, bolsistas, moradores e ativistas das favelas, bem como pesquisadores de outras instituições acadêmicas.

As CAP do LTM são concebidas como um espaço de mediação, lugar de fronteiras, de encontros do saber formal da ciência, da pesquisa, com o saber comum, situado e popular, da experiência dos que vivem e trabalham nos territórios. Recorremos à noção de espaço de pontos de vista de Bourdieu (1997), de forma a ter acesso aos diferentes saberes e perspectivas dos moradores, e dos pesquisadores, não apenas tomados isoladamente, mas também em suas diferenças e conflitos. Considerando os conhecimentos e experiências produzidos por uma diversidade de atores, busca-se ampliar a compreensão de problemas relacionados ao território, e coletivamente encontrar alternativas possíveis aos processos de vulnerabilização que sofrem estas localidades.

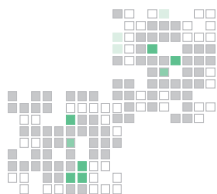
As favelas são os territórios onde privilegiamos as nossas ações e intervenções, compreendendos como o lugar onde construímos a história a partir das nossas ações individuais e coletivas,

das relações sociais e dos encontros e acontecimentos (PIVETTA et al, 2016). A favela, é também um espaço discursivo, um território do simbólico em torno das lutas de narrativas sobre a cidade, onde grupos sociais e instituições atuam e estão em constante disputa em relação às possíveis alternativas de enfrentamento de fatores que tornam estes espaços vulneráveis e lugares de exclusão (ARAÚJO, 2002).

O exercício de compartilhar, para a CAP-LTM, tem o sentido de ação comunicativa dialógica, em que o diálogo não é apenas uma estratégia metodológica, “é um critério de verdade” (GADOTTI, 2000, p. 3). O compartilhar é compreendido, assim, como noção e condição para a qualidade do conhecimento sobre problemas complexos, como são os problemas de saúde coletiva (PIVETTA et al, 2020).

Compartilhamos conhecimentos na constante interlocução e interação com pessoas através de encontros presenciais, principalmente nas oficinas de discussão, participando de ações promovidas por coletivos que atuam nestes territórios, na produção de materiais mediadores (fotografias, vídeos, mapas, etc.) e acompanhando os movimentos sociais e as suas demandas através das redes sociais (Facebook, Youtube e WhatsApp).

No entanto, a pandemia nos traz novos desafios de pesquisa e comunicação com os atores sociais com os quais trabalhamos. Conforme a COVID-19 avança pelo mundo, configurando uma catástrofe humanitária e evidenciando suas consequências econômicas, políticas, sociais e culturais, as redes sociais virtuais e as ferramentas digitais tomam maior importância no processo de pesquisa e comunicação. Por isso, temos refletido mais profundamente sobre a nossa metodologia de trabalho, considerando as inter-relações entre on e off-line, no sentido apontado por Miller e Slater (2004), e nossa experiência com o uso de ferramentas digitais. A este respeito, dois eixos de questões se destacam: o aprendizado com mora-



dores e ativistas de favelas, com o quais trabalhamos e a experiência com o uso de redes virtuais, a partir do método CAP.

Com base no material de pesquisa dos últimos sete anos, em especial do projeto sobre o PAC-Favelas, fazemos uma reflexão a respeito das questões acima, de forma a buscar pistas que contribuam para ampliar a compreensão do uso de ferramentas virtuais em modalidades de pesquisa participante, como é o caso do Método CAP.

2. Comunicação popular: aprendizados com os grupos de favelas

A comunicação é sinônimo de participação (ARAÚJO; CARDOSO, 2007), e de partilha. É também um ato criador e político, assim, defende Thainã, do Coletivo Papo Reto (Complexo do Alemão), ao afirmar que a comunicação é uma troca, declarando: “Não é só o que estou falando e você está escutando, é o que estamos trocando”. Ele avalia ainda que, nas favelas, a comunicação amplia o sentido democracia e de cidadania: “você se torna um comunicador na favela, a pessoa que te conhece, seu vizinho, passa e chega para você e fala: ‘Cara, tá faltando água lá onde eu moro’. E você vai fazer o quê com aquilo? De alguma forma, você vai tentar ajudar” (MEDEIROS, 2016, p.42).

No entanto, a comunicação é também um importante espaço de disputa, de criação de sentidos, de lutas e de negociações, onde os diversos grupos sociais tentam amplificar as suas vozes na defesa de seus interesses a partir das posições que ocupam na estrutura social (ARAÚJO, CARDOSO, 2007).

Esta disputa sempre esteve no centro dos debates dos grupos de comunicação popular das favelas, quando questionam a reprodução de preconceitos estruturais pelas mídias, que historicamente atendem aos interesses das classes dominantes. E problematizam o modo pelo qual a representação destes territórios pelas gran-

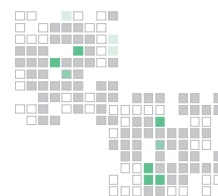
des corporações da indústria cultural (televisão, jornais, filmes) ajudam a forjar um pensamento social discriminatório acerca do lugar e da população que nele vive. Os meios de comunicação são parte de um campo de disputa do poder simbólico sobre o que são as favelas.

As favelas e periferias são representadas como marginais, fora dos padrões de sociabilidade aceitáveis, sendo uma “espécie de desenho em contraluz, ou espelho invertido da cidade” (OBSERVATÓRIO DE FAVELAS, 2012, p.14).

Os movimentos de comunicação popular nestes territórios se inserem neste debate através das experiências dos jornais comunitários nos anos 1970, e, com o advento de novas tecnologias de produção de imagens e divulgação de informação nas décadas de 1980. Traziam em suas ações a perspectiva de fomentar um diálogo com a população das favelas e promover uma comunicação contraposta à grande mídia (SABACK, 2018).

É importante destacar que este movimento configurou-se no contexto de abertura política do Brasil e das lutas pela redemocratização e ampliação dos direitos, quando movimentos sociais no campo da comunicação reivindicam o direito à participação popular, entendendo que “o grau de radicalização da democracia é diretamente proporcional a pluralidade e diversidade de ideias e valores que circulam pelo espaço público” (INTERVOZES, 2010, p. 16). Ao mesmo tempo, constituía-se uma luta associada à comunicação como um direito à saúde (ARAÚJO; CARDOSO, 2007), ao acesso à informação e à voz nos espaços de disputas de visão de mundo e de poder.

O direito à comunicação, por outro lado, passa a mobilizar pautas como a da cultura e da educação, como reflete o integrante da TV Tagarela da Rocinha, “a cultura tem muito a ver com comunicação, com educação. É através dela que a gente transmite os nossos valores” (MACEDO, 2016, p. 63).



Os movimentos de comunicação comunitária de favelas mobilizam metodologias de produções coletivas de jornais, audiovisuais, fotografias e outros processos de comunicação realizados por sujeitos que, às vezes, possuem formação acadêmica e outras não. Porém, ao acessarem estas ferramentas produzem materiais que expressam as singularidades e as tensões das populações que vivem nestes territórios: apresentam soluções técnicas frente às precariedades de acesso à tecnologia de ponta, experimentam linguagens e formatos que melhor se comuniquem com as pessoas, registram eventos do cotidiano a partir do ponto de vista de quem vive estes processos.

Os resultados destes processos são compartilhados de diversas formas, seja na distribuição de jornais nos pontos comerciais e culturais destes territórios, na exibição de produções audiovisuais nas ruas, nas associações e escolas, no bate-papo com a vizinhança e, mais recentemente, nas redes sociais virtuais.

Neste sentido, os grupos de favelas, na atualidade, vêm disputando o território *online* das redes sociais na internet, e contribuindo para ressignificar os sentidos da comunicação para o LTM, na medida em que fazem uso destas ferramentas em profundo diálogo com movimentos que acontecem no cotidiano das favelas, consolidando as suas ações *offline*. On-line e off-line assumem um dos sentidos conferidos por Miller e Slater, isto é, como um “relacionamento complexo e nuançado entre os mundos on-line e off-line que produz as estruturas normativas desses dois mundos” (MILLER; SLATER, 2004, p.48).

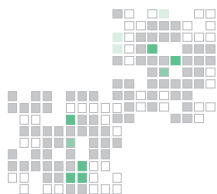
Em nossas pesquisas, temos observado que as redes sociais se tornam mobilizadoras de estratégias de enfrentamentos às questões estruturais presentes nestes territórios, como os grupos de *WhatsApp* que informam situações-limite de violência, apoio para famílias que necessitam emergencialmente de ajuda, divulgação de eventos culturais, de informações sobre os serviços de

saúde e educação dentre outros usos. Por outro lado, também ajudam a mobilizar ações coletivas entre diversos territórios, em diferentes lugares da cidade e do mundo. Recolocam, pois, o próprio conceito de cidade quando lançam no meio virtual as imagens das potencialidades das favelas, e não somente a narrativa da marginalidade. Tornam visíveis os corpos negros, nordestinos, imigrantes, antes invisibilizadas.

É fundamental destacar que embora sejam ações que têm por dispositivos as novas tecnologias de informação, fazem uso de uma antiga e conhecida tecnologia social das favelas nomeada **virar a laje**, como nos ensina Josinaldo da Maré: “nas favelas tem a cultura de chamar os amigos para virar uma laje. Aqui, além desta cultura, a gente convida os amigos para fazer filmes” (MEDEIROS, 2016, p. 37).

Chamar os amigos para fazer filmes, escrever um jornal, exibir um vídeo, ocupar a rua para uma ação coletiva é o oposto das posturas individualistas. E traduzem outras formas de sociabilidade, que também estão inscritas no mundo on-line de ativistas e de muitos moradores de favelas. Os compartilhamentos de “vakinhas” para apoiar alguém em uma emergência ou de pedidos de ajuda para encaminhar um morador para um exame de saúde urgente indicam como as práticas culturais locais referenciam o uso das redes sociais.

Verificamos que, diante de situações-limite nas favelas, os dispositivos de informação on line, voltam-se para ações locais e coletivas, como foi o caso do movimento “Juntos Pelo Complexo”, criado, em 2013, por pessoas e grupos do Complexo do Alemão, para o enfrentamento dos graves problemas ocasionados pelas chuvas daquele ano. Na época, muitos moradores, principalmente os jovens, já tinham experiências com o uso das tecnologias de informação como blogs, *Facebook* e a publicação de vídeos no *Youtube*, quase sempre para mostrar na internet a realidade da



favela a partir do seu ponto de vista, compondo uma espécie de narrativa do cotidiano das favelas. Porém, diante do temporal, este conhecimento foi mobilizado para acionar uma rede muito mais ampla, que integrava apoio material e psicológico, comunicação e informação, e pressão sobre instituições públicas. Ela incluía diferentes atores sociais, não apenas da favela, mas entidades de direitos humanos e secretarias do estado do Rio de Janeiro (CUNHA et al, 2015)

Estas ações nas favelas combinam as tecnologias sociais e coletivas de **virar a laje** com as imagens do *smartphone*. Criam novas identificações quando compartilham mobilizações de diversos territórios de favelas, inspiradoras de formas alternativas de luta em diferentes lugares. São apropriações que geram novos arranjos e relações, uma simultaneidade de identificações, que convivem ao mesmo tempo e se relacionam com elementos que são locais e globais, que fazem parte de processos de construção de novas identidades, criando um “mix cultural”, ou sincretismo: “pode não ser a obliteração do velho pelo novo, mas a criação de algumas alternativas híbridas, sintetizando elementos de ambas, mas não redutíveis a nenhuma delas” (HALL, 1997, p.19).

O acompanhamento de muitas destas experiências nas favelas tem nos levado a refletir sobre a apropriação das redes sociais da internet pelo método CAP. São experiências que vêm inspirando as ações do LTM e o modo como trabalhamos em nossas pesquisas. Estas experiências nos apontam que, o sentido de coletividade, participação e construção de novas identificações dá-se no âmbito do diálogo onde estão inscritos aproximações e conflitos. Neste sentido, é importante destacar que não se trata de compreender as redes sociais enquanto uma oposição às redes dos territórios, e sim enquanto uma mediação, superando uma visão do senso comum que distingue o real e o virtual (SOUZA, 2018). Trata-se de experiências que mediam as

relações entre os diversos territórios de favelas e periferias, que amplificam as vozes e ações que existem nesses lugares. São instâncias que revelam um modo *continuum* entre o que se faz nas redes territoriais e as ações no campo virtual.

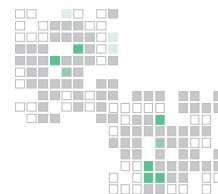
3. A pesquisa e as redes sociais: a experiência Territórios em Movimento

A experiência da Comunidade Ampliada de Pesquisa (CAP), a partir da referida pesquisa sobre o PAC-Favelas no Complexo do Alemão e de Manguinhos, na Zona Norte e Rocinha, na Zona Sul, nos levou a aprendizados sobre o uso de ferramentas digitais com grupos de favelas. É necessário destacar que o contexto foi particularmente benéfico a este respeito, uma vez que a pesquisa se desenvolveu em meio às mobilizações e lutas destas localidades, em função dos impactos das intervenções trazidas pelo PAC, e também daquelas provocadas pela instalação da UPP (Unidade de Polícia Pacificadora).

Esta experiência lançou o desafio de aproximar as CAP dos três territórios, distantes geograficamente. Era necessário produzir e circular conhecimentos e informações, promover o encontro entre os grupos, bem como dar visibilidade aos resultados da pesquisa, capazes de fortalecer as ações dos coletivos locais.

O uso das redes sociais foi pensado, então, como ferramenta de apoio na produção e na circulação de conhecimento. E como um espaço de memória da própria pesquisa, uma vez que armazenava boa parte de nossos resultados.

A centralidade de nossas ações nestas redes era de disponibilizar os materiais produzidos, facilitar e agilizar a circulação dos mesmos, para que os parceiros nos territórios se apropriassem da melhor forma, respondendo a uma crítica comum dos movimentos sociais a respeito das pesquisas desenvolvidas nos territórios de favelas, que é a falta de retorno tanto dos resultados, quanto de ações concretas. Não era preocupação incremen-



tar a expansão da rede, pois não tínhamos como objetivo disputar os “likes” e visualizações.

Foi criada, então, a página de *Facebook* “Territórios em Movimento”, cujo nome traduz a necessidade de encontro entre os territórios e a dimensão de movimento, não apenas indicativo da luta social, mas próprio da comunicação que atua de forma dinâmica, diversa, em espiral e que transborda para caminhos os quais não se pode prever. Ao mesmo tempo, uma estratégia de dar identidade a uma Comunidade Ampliada de Pesquisa Ação, para além do nome técnico do projeto, reunindo pesquisadores e moradores dos três territórios. Constituiu-se como uma resposta à necessidade de dialogar e tornar a pesquisa conhecida dos grupos de favelas.

No “Territórios em Movimento” eram postadas as fotografias das atividades de pesquisa - encontros com os moradores, trabalhos de campo e oficinas de discussão, além dos materiais produzidos como os “Cadernos das Oficinas” elaborados coletivamente com a sistematização dos temas discutidos pelas CAP, e filmetes como registro ou síntese das atividades. A página passou a divulgar ainda as ações dos territórios como as reuniões de movimentos pela moradia, intervenções culturais, mobilizações locais em torno de questões urgentes, como o assassinato de jovens moradores.

Um canal no *Youtube* com o mesmo nome foi criado. Nele eram divulgados os materiais audiovisuais, em formatos de *slide-show*, trechos das intervenções artísticas que aconteceram durante as oficinas, além da série “Trilhas – Análise do PAC” (SOUSA, 2015) uma trilogia que traz a narrativa de cada CAP sobre as intervenções do PAC-Favelas.

A parceria entre o LTM e grupos de favelas que atuavam com produção audiovisual, como a TV Tagarela da Rocinha e o Instituto Raízes em Movimento do Alemão foi importante para que esta linguagem fosse a principal forma de comunicação entre os territórios e de sistematização de

nossas ações e dos resultados da pesquisa.

É importante destacar que a produção compartilhada dos vídeos buscou agregar narrativas orais de moradores, depoimentos de pesquisadores, imagens em fotos e vídeos fornecidas por agentes locais, e a linguagem artística de atrizes, músicos, fotógrafos e grafiteiros locais, como Camila Perez, Eddu Grau, Raphael Calazans, Léo Lima e Mario Bands. Em termos de argumento, roteiro e edição, a CAP de cada um dos territórios discutiu todo o processo e o corte final. Portanto, trabalhamos nestas produções mobilizando as práticas e o conhecimento dos diferentes sujeitos envolvidos, abrindo o diálogo entre saberes e experiências diferenciadas.

Outro produto deste processo foi o documentário “Tá tudo Errado” (SOUSA, 2015), recuperando um material não usado após o encerramento do projeto, para discutir as várias formas de violência nas favelas, inscritas não apenas nas operações armadas, mas também nas condições de moradia, na precariedade do saneamento, no estigma e preconceito sofrido por seus moradores. Levanta ainda as potencialidades destas localidades e seus atores, dando visibilidade a suas lutas cotidianas contra a violência.

O desdobramento do projeto em um processo audiovisual foi importante, principalmente, como meio de buscar responder coletivamente a uma questão que se mostrava urgente nestes territórios, no caso a violência. A narrativa deste vídeo aproxima, compara e apresenta diferentes percepções de moradores e pesquisadores, visibiliza os impactos da violência nas ações culturais, de saúde e de moradia e por fim complexifica o tema. Em resumo, a produção do vídeo seguiu a mesma perspectiva da construção compartilhada de conhecimento.

As redes virtuais foram fundamentais para o acesso e a troca de dados no processo de pesquisa entre os três territórios, assim como na elaboração de produtos de forma compartilhada,

promovendo uma rápida e potente interlocução, produção de sínteses e circulação dos materiais, não apenas em cada território, mas entre os três territórios.

Atualmente, após quase seis anos da finalização do referido projeto, observamos a consolidação de uma rede de troca entre os grupos e pessoas no Alemão, em Manguinhos e na Rocinha, onde constantemente nos encontramos em ações locais ou mesmo apoiando iniciativas de toda a cidade. Duas ações reunindo estes territórios, que pudemos acompanhar, se destacam: em 2016, a “Mostra de Filmes Imagens e Complexos” (SOU-SA, 2016), realizada por duas bolsistas do LTM, em parceria com a TV Tagarela e do Instituto Raízes em Movimento e que exibiu filmes produzidos por pessoas e grupos de favelas cariocas; no mesmo ano, uma Audiência Pública reunindo moradores dos Complexos do Alemão, Manguinhos e do Jacarezinho, para discutir os impactos do PAC nos territórios, especialmente no que se refere à moradia. A Audiência resultou, dentre outros processos, em uma ação da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, para a qual o LTM contribuiu produzindo um relatório técnico juntamente com uma Comissão de Moradores, e um slide show sobre os impactos do PAC na Moradia, apresentado na mencionada Audiência.

Atualmente, no âmbito virtual, as páginas funcionam principalmente para compartilhar ações dos três territórios, e hoje temos no *Facebook* 1.381 seguidores, e no canal do *Youtube* 99 inscritos. São números ínfimos se comparados às redes sociais dos coletivos e moradores que acompanhamos, e com os quais temos aprendido. Contudo, como já mencionado, nosso objetivo maior nunca foi uma atuação de impacto nas redes virtuais e, sim, uma ação que contribuísse para fortalecer as ações locais e a troca entre as redes de solidariedade on line e off line, aproximando pessoas e grupos.

4. Desafios do contemporâneo: a pandemia

A experiência com o projeto “Territórios em Movimento” resultou em um profundo diálogo e troca entre os movimentos sociais dos territórios e pesquisadores, que compõem de maneira continuada a equipe de pesquisa do LTM.

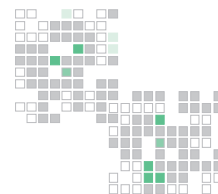
O cenário de urgência trazido pela pandemia por Covid19, desde março de 2020, ampliou essa troca, ainda que de forma remota. O diálogo foi intensificado a partir de grupos de *WhatsApp*, quando os moradores da Rocinha e de Manguinhos nos solicitavam informações sobre a COVID-19, pedidos de ajuda para dar visibilidade às denúncias de violências promovidas pelo Estado nesses territórios, e apoio às ações locais de solidariedade. O grupo foi se reforçando especialmente como espaço de trocas afetivas, em uma forma de responder ao impacto do isolamento social.

Porém, o que as buscas por informações sobre a COVID-19 na experiência com estes grupos e na continuidade de atuação nestes territórios com outras pesquisas, vêm nos mostrando é a dimensão das Comunidades Ampliadas de Pesquisa Ação como espaços de confiança, ao qual se pode recorrer para desabafar, demandar, dividir problemas do território, e até mesmo fazer análise de conjuntura política.

O êxito/ ou triunfo das nossas redes sociais não está na quantificação do número de visualizações ou *likes*, e sim no que acontece *offline*, na construção de relações de confiança nestes lugares, conquistada no diálogo cotidiano ao mesmo tempo que produzíamos os materiais e os divulgávamos.

O campo virtual, lugar onde se tem todas as coisas, porém sem corpo apresenta um desafio contemporâneo: o de encontrar possibilidades de construções de redes de confiança no âmbito da vida cotidiana. Precisamos interrogar qual o corpo das redes virtuais? (KOHAN, 2020).

O depoimento de uma moradora de Manguinhos, durante uma oficina em 2019, fala sobre



a confiança mútua que construímos. Ao final da atividade, que era filmada, perguntamos para as pessoas se autorizavam o uso de imagem. A moradora pediu a palavra e disse:

(...) vocês podem se sentir num ambiente seguro, porque o que pode ser colocado vai ser colocado, o que não pode ser colocado não vai ser colocado, porque elas têm essa delicadeza, esse respeito, essa sensibilidade, essa confiança (...). Já aconteceu comigo de eu falar coisas que eu não gostaria que colocassem e eu nem precisei falar, elas respeitaram (Oficina Projeto Inova, Manguinhos, 10/08/2019).

Para nós, importa, mobilizar as redes de confiança que se iniciam nas formas de comunicação do olho no olho, a intuição e outros elementos, tão humanos e próximos, como as favelas o fazem ainda hoje.

Este desafio se anuncia de novo agora com a pandemia de COVID-19, e os coletivos nas favelas lançaram mão dessas ferramentas para buscar em outros territórios, instituições públicas e privadas e em grupos parceiros o apoio necessário para o enfrentamento de mais uma situação-limite que se apresentava.

Porém, ao mesmo tempo em que estas ferramentas são potentes elas não significam que a população das favelas e periferias tenham o to-

tal acesso à internet, tanto pelo custo e a falta de oferta de redes gratuitas quanto pelas dificuldades de lidar com a tecnologia dos aplicativos. Isto leva a, por exemplo, não conseguir se cadastrar para receber suporte financeiro chamado auxílio emergencial fornecido pelo Governo Federal no ano de 2020, ou mesmo ao site da Receita Federal para a regularização de documentos como o CPF. Outra dificuldade relatada pelos moradores nos grupos de *WhatsApp* foi a precariedade no acesso às plataformas de ensino à distância usadas pelas secretarias de educação municipal e estadual.

A comunicação enquanto um direito básico, assim como o da saúde, ainda precisa ser conquistado.

Está sendo um desafio muito grande aos pesquisadores e profissionais de saúde manter o diálogo com os territórios no contexto da pandemia de COVID 19, mas é também uma oportunidade de exercermos nossa capacidade imaginativa e, num trabalho artesanal cotidiano, experimentarmos possibilidades novas e emancipatórias. O desafio central que se apresenta é o de como manter a distância segura para a saúde, sem perder a rede de confiança e continuarmos construirmos algo em comum?

Propomos mais uma vez que esta resposta seja encontrada junto com as pessoas. Como ensina a tecnologia de virar a laje – vamos pensar juntos?

Referências

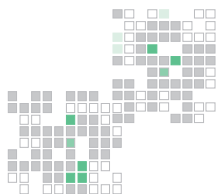
ARAÚJO, Inesita. *Mercado Simbólico: interlocução, luta, poder – Um modelo de comunicação para políticas públicas*. 2002, 352f. Tese de Doutorado - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ARAÚJO, Inesita Soares; CARDOSO, Janine Miranda. *Comunicação e Saúde*. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ, 2007

BOURDIEU, Pierre. (Coord.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997.

CUNHA, Marize Bastos; PIVETTA Fatima; PORTO, Marcelo Firpo de Souza et al. O desastre cotidiano da favela: reflexões a partir de três casos no Rio de Janeiro. *O Social em Questão*, Rio de Janeiro, Ano XVIII, 33, 39-58, 2015.

CUNHA Marize Bastos; BRUM, Alan; CALAZANS, Raphael. Vou te exigir o meu lugar, se não me der eu vou tomar: o desastre do temporal no Rio de Janeiro e o movimento Juntos pelo Complexo. *Revista Libertas*, Juiz de Fora, v.15, n.2, p.243-272, jul-dez, 2015.



GADOTTI, Moacir. Saber Aprender: Um olhar sobre Paulo Freire e as perspectivas atuais da educação. In: Um Olhar Sobre Paulo Freire - *Congresso Internacional*, Évora (Portugal) 2000.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.22, n.2, p.13-46, jul-dez,1997.

INTERVOZES, Coletivo. Contribuições para a construção de indicadores do direito à comunicação. 1ª ed., São Paulo: Intervenções - Coletivo Brasil de Comunicação Social, 2010. Disponível em <https://www.intervencao.org.br/arquivos/interliv002ccinddc.pdf>. Acessado em: 20 nov. 2020.

KOHAN, Walter O. Tempos de necropolítica e de pensamento: tempos de ensinar filosofia? UERJ, Youtube, 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/DyRRIWGieys>>. Acesso em: 07 set. 2020.

MACEDO, Arley. TV Tagarela. [Entrevista concedida a David Amem]. Catálogo da Mostra de Filmes Imagens e Complexos. Rio de Janeiro, vol. 1, n.1. p.63-65. 2016.

MEDEIROS, Josinaldo. Na Favela. [Entrevista concedida a David Amem]. Catálogo da Mostra de Filmes Imagens e Complexos. Rio de Janeiro, vol. 1, n.1. p.48. 2016.

MEDEIROS, Thainã. Coletivo Papo Reto. [Entrevista concedida a David Amem]. Catálogo da Mostra de Filmes Imagens e Complexos. Rio de Janeiro, vol 1, n.1. p.39-43. 2016.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. In *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, n.21, p.41-65, jan./jun. 2004.

OBSERVATÓRIO DE FAVELAS. Mídia e favela: comunicação e democracia nas favelas e espaços populares. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em <http://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploa>

ds/2013/06/Midia-e-favela_publicacao.pdf. Acesso em: 12 jul. 2020.

PIVETTA, Fatima; PORTO, Marcelo Firpo de Souza; CUNHA, Marize Bastos. Comunidade Ampliada de Pesquisa-Ação do Laboratório Territorial de Manguinhos: um caminho de interação com o território. In: Oddone, I (et al, Org.). *Ambiente de trabalho: a luta dos trabalhadores pela saúde*, 2ª ed., São Paulo: Hucitec, 2020

PORTO, Marcelo Firpo de Souza *et al*. *Saúde e ambiente na favela: reflexões para uma promoção emancipatória da saúde*. Serv. Soc. São Paulo, n. 123, p. 523-543, jul./set. 2015

SABACK; Lilian. A comunicação para a cidadania e as novas mídias: o silêncio da TV Tagarela no Youtube, 2018. Disponível em <<https://docplayer.com.br/130894132-A-comunicacao-para-a-cidadania-e-as-novas-midias-o-silencio-da-tv-tagarela-no-canal-youtube-1-lilian-saback-2-puc-rio.html>>. Acesso em: 12 jul. 2020.

SOUSA, Fabiana Melo. Tá tudo Errado. Rio de Janeiro, 2015, Digital. Disponível em: <<https://youtu.be/vyPPcNxxZ40>>. Acesso em: 07 set. 2020.

SOUSA, Fabiana Melo. Catálogo da Mostra de Filmes Imagens e Complexos – Rio de Janeiro: 2016.

SOUSA, Fabiana Melo. Trilhas - Manguinhos, Rocinha e Alemão. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/playlist?list=PLXnJLfeU4GkpYTz5jFY7MV7oOlnmUQFtV>>. Acesso em: 13 set. 2020

SOUZA. Patrícia Lânes Araujo. Narrativas compartilhadas: o Facebook e a produção de militâncias, memória e esquecimento nos movimentos sociais populares. In *Reunião Brasileira de Antropologia*, 31ª. 2018. Anais 31ª RBA. Brasília/DF, vol.1, 2018, p. 1-20. Disponível em <http://www.evento.abant.org.br/rba/31RBA/T-197>. Acessado em 20.11.2020.

